

Referências bibliográficas

ABRAM,J (1997) **The language of Winnicott**: a dictionary and guide to understand his work. Jason Aronson Inc:U.S.

AJURIAGUERRA, J (1986) **Psicopatologia infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas.

BLEGER, J (1988) **Simbiose e ambiguidade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves

BOWLBY, J (1972) **Cuidado maternal y amor**. México: Paidós / Fondo de Cultura Económica

BRAZELTON, TB; CRAMER, BG (1992) **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes

BROMBERG, MHPF (1994) **A psicoterapia em situações de perda e luto**. Campinas,SP:Editorial Psy II

CARON, NA (2000) **O ambiente intra-uterino e a relação materno-fetal** in: CARON, N.A (org.) **A relação pais-bebê: da observação à clinica**. São Paulo: Casa do Psicólogo

COUTINHO, F (1997) **O ambiente facilitador**: a mãe suficientemente boa in PODKAMENI, A.B.; GUIMARÃES M.A.C. **Winnicott: 100 anos de um analista criativo**. Rio de Janeiro: NAU

DAVIS,CC et al.(1998) **Psychological adaptation and adjustment of mothers of children with congenital heart disease: stress, coping and family functioning**. J Pediatr Psychol; 23(4):219-28

DAVIS,M; WALLBRIDGE,D (1982) **Limite e espaço** – uma introdução à obra de D.W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago

DEMASO,DR et al. (1991) **The impact of maternal perceptions and medical severity on the adjustment of children with congenital heart disease.** J Pediatr Psychol; 16(2): 137-49

FAVARATO, MECS (1991) **Aspectos psicológicos da criança portadora de cardiopatia congênita** – problemas ligados à hospitalização in: LAMOSA, B.W.R. et al. Psicologia aplicada à cardiologia. São Paulo: Fundo Editorial BYK

FALSETTI, LAV (1983) **Do discurso médico ao discurso da criança diabética:** a incidência da doença orgânica no sujeito psíquico. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo

FRIEDMAN, WF (1996) **Cardiopatia congênita no lactente e na criança** in: BRAUNWALD, E. Tratado de medicina cardiovascular (volume 2), 4ª ed. São Paulo: Roca

GANTT, L (2002) **As normal a life as possible:** mothers and their daughters with congenital heart disease. Health Care Women Int; 23(5): 481-91

GIANNOTTI, A (1996) **Efeitos psicológicos das cardiopatias congênitas.** São Paulo: Lemos Editorial

GOLSE, B (1998) **O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança,** 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas

GOMES, SML (2000) **Mães/bebês em risco:** um estudo psicanalítico das manifestações psicossomáticas precoces. Dissertação de Mestrado, PUC/RJ

GUIMARÃES, MAC (2001) **A rede de sustentação:** um modelo winnicottiano de intervenção em saúde coletiva. Tese de doutorado. PUC/RJ

IRVIN, NA; KENNEL, JH; KLAUS, MH (1992) **Atendimento aos pais de um bebê com malformação congênita** in: KLAUS, M. H.; KENNEL, J.H. (org.) Pais/bebê: a formação do apego. Porto Alegre: Artes Médicas

KREISLER, L (1999) **A nova criança da desordem psicossomática**. São Paulo: Casa do Psicólogo

KUBLER-ROSS, E (1996) **Sobre a morte o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**, 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes

LAMOSA, BWR; MALLET, SSQ; DI DONATO, AM (1982) **Trabalho piloto com grupo de orientação aos pais de crianças hospitalizadas com cardiopatia congênita**. Rev. Bras. Med. (cardiol.); 1(2): 94-96

LEBOVICI, S (1987) **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas

MALDONADO, MT (1997) **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**, 14ª ed. São Paulo: Saraiva

MANNONI, M (1991) **A criança retardada e a mãe**. São Paulo: Martins Fontes

MANUAL sobre cardiopatia congênita – Aspectos médicos e psicológicos (1999). Elaborado pelo Serviço de Psicologia do Instituto do Coração (InCor / HCFMUSP)

MCDUGALL, J (2001) **Um corpo para dois** in: Corpo e história. São Paulo: Casa do Psicólogo [Encontro Psicanalítico 4: 1985: D'Aix-En-Provence, FR]

RADOVAN, IM (1989) **Desviaciones del desarrollo infantil en las enfermedades agudas y crónicas**. Acta Pediátrica México; 10(3), Jul-Sept

RANGELL, L (1971) **La metapsicologia del trauma psíquico** in: FURST, SS; RANGELL, L. et al. El trauma psíquico. Buenos Aires : Editorial Troquel

RATHSAM, ARM.; FRANCÉ, R (1995) **Atuação do psicólogo em cardiopediatria** in: OLIVEIRA, M.F.P. de; ISMAEL, S.M.C (orgs.). Rumos da psicologia hospitalar em cardiologia. Campinas, SP: Papyrus

ROLLAND, JS (1995) **Doença crônica e o ciclo de vida familiar** in:

CARTER, B.; GOLDRICK, M. et al. As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre: Artes Médicas

RUSCHEL, PP (1994) **Quando o coração adoece** in: ROMANO, B. W. (org.) A prática da psicologia nos hospitais. São Paulo: Pioneira

SARAIVA, KMP (1999) **O segredo converte-se num bebê**: a importância do encontro da mãe com o bebê natimorto. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ

SELLTIZ, C et al (1965) **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder

SPITZ, R (1992) **O primeiro ano de vida**: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais, 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes

STERN, DN (1997) **A constelação da maternidade**: o panorama da psicoterapia pais/bebê. Porto Alegre: Artes Médicas

_____ (1992) **O mundo interpessoal do bebê**: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas

TETELBOM, M et al (1993) **A criança com doença crônica e sua família: importância da avaliação psicossocial.** Jornal de Pediatria; 69(1): 5-11

UTENS, EM et al (2000) **Psychological distress and styles of coping in parents awaiting elective cardiac surgery.** Cardiol Young; 10(3): 239-44

VALLE, ERM (1994) **Vivências da família da criança com câncer** in: CARVALHO, M.M.M.J. de (coord.). Introdução à Psiconcologia. Campinas, SP: Editorial Psy

VALLER, EHR (1990) **A teoria do desenvolvimento emocional em D. W. Winnicott.** Rev Bras. Psicanal; 12(2): 155-170

WERNER, MCM (2002) **A influência do nascimento pré-termo no desenvolvimento das relações afetivas entre o neonato e sua mãe** in: FERREIRA, CA de M; THOMPSON, R; MOUSINHO,R (orgs.) Psicomotricidade clínica. São Paulo: Ed. Lovise

WINNICOTT, DW (2001) **A família e o desenvolvimento individual**, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes

_____ (1999) **Os bebês e suas mães**, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes

_____ (1999a) **Tudo começa em casa**, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes

_____ (1990) **Natureza humana.** Rio de Janeiro: Imago

_____ (1985) **A criança e seu mundo.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar

_____(1983) **O ambiente e os processos de maturação:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas

_____(1978) **Textos selecionados:** da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves

_____(1975) **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago

_____(1960) **Teoria do relacionamento paterno-infantil** in: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983

_____(1956) **A preocupação materna primária** in: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000

_____(1952) **Psicose e cuidados maternos** in: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000

_____(1948) **Pediatria e Psiquiatria** in: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000

_____(1945) **Desenvolvimento emocional primitivo** in: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000

- **Roteiro da entrevista para investigar a história da cardiopatia da criança**

- gravidez e nascimento da criança;
- momento do diagnóstico da cardiopatia;
- adaptação à doença do filho;
- rotina;
- relações sociais e familiares;
- percepção e expectativas da família em relação à criança cardiopata;
- sentimentos e atitudes em relação à criança cardiopata;
- sentimentos e atitudes em relação aos outros filhos;
- expectativas em relação ao filho cardiopata;
- relação médico-paciente;
- como sente a relação mãe-bebê e
- nascimento da mãe e lembranças sobre os relacionamentos iniciais

Consentimento livre e esclarecido

Meu nome é Mayla Cosmo, sou psicóloga clínica e estou realizando uma pesquisa no Projeto Pró-Criança Cardíaca junto às mães que têm um filho(a) com cardiopatia congênita.

Estou procurando conhecer o que as senhoras pensam a respeito de ser mãe e como é ter um bebê com cardiopatia congênita.

Para que este estudo seja realizado, é necessário que a senhora me conceda uma entrevista na qual eu farei algumas perguntas, e para facilitar a análise das informações utilizarei um gravador, e para isso peço a sua permissão. Será necessário também que a senhora se submeta a um teste psicológico, onde terá que comentar suas percepções sobre o que lhe é mostrado e ao final, faça um desenho sobre você e seu bebê.

O seu depoimento será guardado em segredo profissional e as informações que a senhora me trouxer só serão utilizadas por mim para a realização do estudo.

Não será necessário que a senhora se identifique (diga o seu nome), por que quero manter o seu anonimato. Sua participação neste estudo é voluntária, e a senhora poderá interrompê-la a qualquer momento.

Este estudo não tem relação com os outros profissionais ou funcionários do Projeto Pró-Criança Cardíaca. Portanto, não causará nenhum dano ao seu atendimento.

Sua participação neste estudo será muito importante, pois conhecendo os sentimentos das mães que têm um filho cardiopata, poderemos futuramente auxiliar outras mulheres em situação semelhante a sua.

Este estudo não traz maiores riscos para a senhora, nem físicos, nem morais, nem psicológicos.

Mayla Cosmo

Assinatura Paciente

Local, data

- **Roteiro da entrevista de história de vida:**

- composição da família de origem;
- nascimento;
- histórico de sua saúde e da família;
- infância e socialização;
- educação infantil;
- adolescência;
- relacionamentos afetivos;
- adaptação às mudanças internas e externas;
- relações sociais e familiares;
- início da vida adulta;
- mudança de papéis;
- emprego;
- casamento;
- lazer;
- situações traumáticas;
- situação atual.

ENTREVISTA M1

Psicóloga: você podia falar um pouco sobre como foi a gravidez de M.?

Mãe: a gravidez não foi planejada. Meus pais aceitaram numa boa e minha gravidez toda foi sem problema nenhum. Com 7 meses eu tive uma crise renal e fui num urologista que falou que eu precisava colocar um catéter até os 9 meses. No dia seguinte da colocação do catéter a bolsa estourou e o neném nasceu. Mas a minha gravidez foi ótima. Não tive problema nenhum a não ser este. Não enjoei, não passei mal, nada. Era como se eu não estivesse grávida. Eu adoro crianças. Sempre quis ter filhos, mas não agora. Eu aceitei numa boa, meus pais também e a família do pai de M.. O A. (pai do M.) ficou todo feliz, todo bobo. Conclusão: não foi planejada, mas todo mundo gostou.

Psicóloga: como sente a relação com M.?

Mãe: olha, eu não tenho muita experiência. Eu me dou muito bem com o meu filho. Às vezes eu sou muito nervosa, estressada, por que ele é o tipo de criança pequenininha que não sabe falar e aí grita e chora o tempo inteiro. E às vezes eu não tenho muita paciência com isso. Mas a minha relação com ele é ótima. Ele é carinhosinho – me acorda de manhã fazendo carinho. É muita boa a minha relação com ele.

Psicóloga: e como foi o nascimento dele?

Mãe: ele ficou 42 dias internado na UTI e eu ia todo dia visitar ele. Ele é prematuro de 7 meses. Eu fiz cesárea.

Psicóloga: como foi que você ficou sabendo do problema de coração de M.?

Mãe: bom, depois que eu tive M. - eu tive ele depois de uma crise renal, né? – eu logo soube do probleminha dele. Justamente 8 dias depois ele foi fazer a cirurgia e eu tive outra crise renal. Tanto é que enquanto ele estava sendo operado, eu estava lá embaixo na Emergência do hospital tendo a crise.

Psicóloga: você acha que sua crise teve a ver com a cirurgia de M.?

Mãe: não sei, não sei. No início a doutora não deu certeza se ele ia operar ou não. Ela disse: “olha mãe, essa cirurgia é simples, é de 10 minutos, 3 pontinhos, uma cirurgia muito pequenininha. A anestesia também não tem problema nenhum”. Então eu e o pai pensamos: “pôxa, se é tão simples assim, pode fazer a cirurgia até amanhã que não tem problema nenhum”. Por que meu filho era miudinho, muito pequeno, magrinho, bem magrinho. No dia seguinte me ligaram do hospital dizendo que o canal arterial do M. não tinha fechado e que ele teria que fazer a cirurgia, pois eles já tinham tentado de tudo. Me pediram então para ir até o hospital conversar com o médico pois no dia seguinte ele ia ser operado. Mas já tava tudo certo. Daí o médico foi conversar comigo e com o pai dele e explicou tudo ao contrário da médica: “olha, é uma cirurgia muito perigosa. Tem muitas crianças prematuras que fazem essa cirurgia e correm risco, pois na hora de amarrar o canal arterial, ele pode romper, dar hemorragia e a criança morrer. É uma cirurgia grande e ele deve levar uns 15 pontos. A anestesia é perigosa e às vezes ele pode reagir a isso”. Ele começou a falar um monte de coisas diferente e ao contrário. Eu fiquei paralisada. Eu tinha que escolher: ou meu filho morria ou ele ia para a cirurgia e então eu ia ver o que ia acontecer. Por que se ele não fizesse a cirurgia, ele não iria agüentar. Aí eu fiquei desesperada por que não foi isso que eu soube pela doutora de lá. Aí ele fez a cirurgia. Eu fiquei lá o tempo todo, mesmo estando na Emergência, mas fiquei rezando por ele. E deu tudo certo. Ele teve uma recuperação ótima e no dia seguinte ele saiu do oxigênio. O médico disse que a cirurgia foi um sucesso, por que ele nem precisou tomar sangue como geralmente ocorre com outras crianças. Ele não precisou de nada. Eu realmente tomei um choque quando o médico me explicou o que era a cirurgia. A doutora disse: ‘vai durar no máximo 10 minutos’; ele disse: ‘no mínimo, uma hora’. Foi tudo ao contrário. O pai dele então ficou desesperado. Não ficou nem mais conversando com o médico. Saiu da sala e ficou rodando pelo hospital. Eu não sabia se meu filho ia sair morto ou vivo da cirurgia. Deixei tudo na mão de Deus. E hoje ele tá aí, fortão, esperto... O M. não teve só esse problema da cirurgia não. Quando ele nasceu ele teve que ser reanimado, intubado por que faltou oxigênio no cérebro. Ele teve vários probleminhas. Por que o problema da

minha infecção passou para ele. Talvez se eu tivesse tomado algum remédio ou tivesse colocado esse cateter na barriga, meu filho teria morrido dentro de mim. Por que ele já estava em sofrimento, mas eu não sabia. Eu nunca tive problema nenhum. Todo mês eu fazia ultra-som. Quer dizer, isso é até errado, né? Mas eu fiz tudo direitinho.

Psicóloga: o que você acha que aconteceu para ter a crise?

Mãe: não sei, não sei mesmo. Eu nunca tive nada. A única coisa que eu tinha eram dores nas costas, mas o médico disse que era por que eu estava dilatando. Mas podia ser da crise renal e eu nem sabia. Eu ia todo mês fazer o pré-natal. Meu médico sempre dizia que eu era uma das mães mais presentes. Até ele tomou um choque quando soube de tudo depois. Ele falou: “eu nunca vi uma grávida como você; você nunca teve problema nenhum”. Eu mesma me assustei com o meu problema. Cada vez que eu ia lê eu tava melhor ainda. Isso foi até um problema sério demais.

Psicóloga: como foi a chegada de M. em casa e como sua família reagiu?

Mãe: quando ele chegou em casa foi uma frescura só. Com certeza todo mundo ia ter aqueles cuidados pelo o que ele passou. Ele era muito pequeno. Lá no hospital me disseram: “olha mãe, você tem que ter muito cuidado. Você não pode botar a mão suja nele, não pode deixar ninguém ficar pegando nele; gente resfriada jamais pode chegar perto dele. Por que se ele pegar resfriado ele vai ter que voltar para o hospital para ficar internado. Então quando ele chegou em casa foi aquele alto cuidado todo, sabe? Se alguém chegava a gente perguntava: “ta resfriado?”, por que se ta não vai entrar. Até hoje o M. nunca ficou resfriado. Era aquela coisa toda com ele. Todo mundo cuidava e se preocupava por que ele já passou por muita coisa. Todo dia eu contava a respiração dele, que eu aprendi a contar. Via se ele estava roxo, respirando bem. Até eu me acostumar demorou, por que eu tava muito nervosa.

Psicóloga: e o pai? Como ele ficou depois de tudo isso?

Mãe: o pai dele é muito imprevisível. Ele muda de uma hora pra outra. No dia da cirurgia ele ficou muito nervoso. Mas assim que acabou ele foi o primeiro a descer para me dizer sorrindo que o nosso filho estava bem.

Psicóloga: e como estão as coisas atualmente com o M.?

Mãe: do coração ele tá bom. A cirurgia deu resultado, mas ele tá fazendo outros exames por que semana passada ele teve convulsão. Eu quero fazer tudo de bom para o meu filho, quero dar tudo de bom para ele. Voltei para a faculdade por que quero um futuro bom para a gente, estando com o pai dele ou não, estando com a minha família ou não. Por que foi o seguinte: o M. veio ao mundo por que eu e o pai dele colocamos ele. Então se a gente colocou ele no mundo a gente tem que dar amor e carinho para ele, mesmo não tendo sido planejado. Em relação ao pai dele eu não sei. Pro meu filho eu dou tudo, até esqueço de mim. Meu filho merece. Nasceu cheio de problemas, não era nem para estar aqui. Tu viu os problemas tudinho que meu filho teve. Em momento nenhum eu pensei que fosse perder ele. O meu sentimento por ele é de muito amor. Antes era minha família e agora é meu filho. Não tem nada acima do meu filho.

Psicóloga: você tem alguma lembrança ou informação sobre sua infância, seus primeiros anos de vida, sua relação com sua mãe?

Mãe: a gente sempre foi muito unido. Eu, meu pai, minha mãe e irmãos. O nosso relacionamento sempre foi ótimo. Minha mãe sempre foi uma super mãe. Meu pai sempre fez tudo pelos filhos. A gente sempre foi muito mimado, muito mesmo. A gente nunca se separou. E agora tem o M.. Toda a nossa família sempre teve muito carinho e mimo comigo e com meus irmãos, mas eu não sei porque.

Psicóloga: como foi seu nascimento?

Mãe: tanto eu como meus irmão fomos prematuros de 8 meses, mas ninguém ficou em UTI e nunca teve nada por causa disso. Eu dizia: “pôxa, eu não tava preparada para ter um filho com 7 meses”. E minha mãe me acalmava: “você já foi uma criança prematura. Criança prematura é mais forte”.

Eu não lembro de nada ruim. É como eu disse. A gente sempre foi muito protegido pela minha mãe. Eu me considero uma ótima mãe para o meu filho. Como filha eu perco muito a paciência às vezes. Ser mãe não é fácil, mas eu estou me acostumando agora. Queria que o pai dele trabalhasse, estudasse. Sabe, no começo do nosso namoro eu achava que o A. era o homem da minha vida. Agora não é bem assim. Eu vejo que não é isso que eu queria. Se eu tivesse conhecido ele melhor, talvez eu não teria tido um filho com ele. Ele é muito imprevisível. Às vezes eu fico 3 dias sem falar com ele e eu nem sinto falta. Um dia ele ta bem e no outro, tá mal. Eu nem esquento mais com ele.

Psicóloga: e como é a relação entre M. e o pai?

Mãe: ele não consegue segurar o filho. Fala que tem medo, que tem agonia, que o filho é muito frágil. Quando ele não me liga, ele também não sabe notícias do filho. Ele não é um bom pai para M.. A família dele faz tudo para a gente ficar juntos, mas eu não sei se eu quero.

ENTREVISTA M2

Psicóloga: como foi a gravidez de C.?

Mãe: a gravidez foi de repente e não foi legal não. Tive sangramento direto. Além disso precisava fazer um trabalho para o metrô e trabalhava com cola de sapateiro. Não foi uma gravidez tranquila. Trabalhava no morro, via muita coisa e não tinha ninguém para me ajudar. Eu chorava muito. Pensei em me matar. Ficava olhando pela janela com vontade de me jogar. Minha sogra também me enchia o saco. No começo ela não gostava de mim por que eu era negra e pobre. O tempo todo eu queria passar uma energia positiva para C.. Meu marido sempre me apoiou. Foi uma amiga que avisou para ele pois eu tava no morro quando eu descobri a gravidez. Tanto ele quanto o pai dele me apoiaram bastante.

Psicóloga: e a sua família?

Mãe: não tenho pai nem mãe. Fui criada por irmãs num convento. Quando eu tava grávida do C. tentei achar minha família, mas não consegui. Fui na instituição que minha mãe me deixou e descobri meu prontuário. Descobri que minha mãe me deu quando eu era bebê por que não tinha condições de me criar. Fiquei um tempo na FUNABEM e depois fui para um hospital por que eu estava doente, mas não sei o que eu tinha. Depois as irmãs me adotaram e fiquei com elas até os 20 anos em Niterói. Saí de lá porque trabalhava e o convento era longe. Fui dividir apartamento com uma amiga num quarto pequeno numa vizinhança esquisita com drogados, prostitutas, etc. Fui morar com uma senhora depois, mas tive problemas com a neta dela de 16 anos. Depois fui para outra casa tomar conta de crianças (emociona-se e chora) (...) Minhas amigas ainda passam muitas dificuldades. Eu também usei drogas, mas parei há um tempão

Psicóloga: e como foi o nascimento de C.?

Mãe: foi com 9 meses. Ele passou do dia. Uns dias antes do parto tive muito sangramento. A médica disse que a placenta já estava descolada há um tempão.

Foi cesárea. Durante o parto eu passei muito mal e desmaiei. Só fui ver meu filho 4 horas depois. Tive eclâmpsia e quase morri. Não tinha como me entregarem a criança. Quando meu filho veio eu tava tão fraca que não consegui amamentá-lo. E ele não aceitava outro leite, o leite do hospital. Mas não saía nada. Meu peito só inchava. Depois que eu consegui ele também não parou. Lutei muito para ele mamar.

Psicóloga: Como foram os primeiros dias com C.?

Mãe: bom, fiquei 4 dias na maternidade. No primeiro dia achei que eles tinham sumido com meu filho ou que ele tinha morrido por que fiquei um tempão sem vê-lo. Fiz o maior escândalo. Aí veio a assistente social e a psicóloga e me explicaram a situação. Só queria saber notícias dele. Elas diziam que ele tava bem. A médica veio depois e disse que ele tinha um problema nos rins, mas que não era sério. Quando recebemos alta, percebi que a respiração dele não tava legal e perguntei para a médica. Ela disse que o apgar acusou um problema no coração. Fiquei parada, em pânico. Ninguém me disse nada. A médica disse que a pediatra deveria ter me falado. Depois ela disse: “é só um soprinho e um canal que fecha logo”. A minha sorte é que meu sogro foi me buscar e ele começou a fazer um monte de perguntas. Descobri também que C. tinha um problema de água na cabeça. Eu comecei a chorar, a chorar. Aí pegaram meu bebê e começaram a levá-lo de um lado pro outro para fazer exames. Chorei muito e fiquei chateada também. Eu olhava para o C. e tinha vontade de jogá-lo longe. Não sei se eu tinha pena dele ou se queria ele longe. Veio uma outra médica e disse que eu tinha que ir direto para o Laranjeiras (*Instituto Nacional de Cardiologia*). Me deram também um monte de remédios para ele. Sabe, eu fiquei muito nervosa e disse que eles esperaram eu me arrumar toda e vestir o C. para eles me contarem tudo isso. Fiquei muito nervosa naquele hospital. Eles erraram em tudo comigo. Falaram para eu ir num dia, e o parto foi no outro; que o parto ia ser normal e foi cesárea. Mandaram eu voltar para casa. E eles continuaram falando: “mãe, é só um soprinho”. Eles só mandaram eu ir para o Fundão (*Hospital Universitário – UFRJ*) por causa do problema nos rins. Me deram mais remédios e disseram para eu voltar todo mês para ele se tratar junto com as crianças especiais. Isso também me chocou, quando eles chamaram meu filho de especial. Aí eu cheguei aqui no

Projeto quando o C. tinha 17 dias de vida. Eles me explicaram tudo e disseram que o caso dele era muito grave, que não era sopro e que não ia fechar logo. Falaram que ele ia ter que fazer uma cirurgia e eu chorei muito. Ainda bem que meu marido estava rodeado de pessoas maravilhosas que me ajudaram muito. Quando eu olhava para o C. eu sentia muita pena dele, vontade de abandonar. Mas aí eu pensava que ele precisa de mim. Eu chorava muito. Depois de um tempo eu comecei a dar força para as pessoas que também estavam com pena dele. Meu marido ficou desolado e dizia que o filho dele não ia poder jogar futebol. Meu filho está sendo muito bem tratado. Tem até geneticista. O médico do rim disse que ele não tem mais nada. Mas a doutora daqui (*do Projeto Pró-Criança Cardíaca*) disse que a qualquer momento ele vai ter que fazer cirurgia.

Psicóloga: o que você sentiu quando soube disso?

Mãe: assim que eu soube do problema do Caio eu pensei na filha de uma amiga minha que sofreu muito com problema no coração mas que depois se curou. Até ontem eu encontrei com ela e vi que ela tava ótima. Eu fiquei mais preocupada com a cabeça dele que não fechava a moleira. Eu fiquei maluca.

Psicóloga: e agora, como está a rotina com C?

Mãe: tranqüila, ele mama legal, é super tranqüilo. Logo que eu voltei pra casa eu não queria falar com ninguém, eu só chorava. Mas quando eu saía, parece que eu usava uma máscara para disfarçar a tristeza e fingir alegria. Ficava com medo de sair com ele e ser atropelada por que eu não conseguia prestar atenção em nada. Meu marido me tranqüilizou muito. Atualmente eu me dedico só para o meu filho. Se eu tô em casa trabalhando e ele chora, eu largo tudo para ficar com ele. Tenho muita pena do meu filho. (nesse momento para de falar e fica olhando alguns segundos para C. que está dormindo em seu colo)

Psicóloga: aconteceu alguma coisa agora enquanto você está falando sobre o problema dele?

Mãe: não, é que eu tenho muita pena dele. Ele é muito pequenininho para sofrer assim. mas agora eu estou mais calma. Minha sogra também atrapalhava muito. Se eu estava calma e ela chegava, eu ficava nervosa por que ela chorava muito de pena do garoto. Pedi até para o F. (marido) dar um toque nela. Eu dizia para ela: “ele é um bebê comum; quando crescer vai poder correr e jogar bola”.

Psicóloga: como sente a relação com C.?

Mãe: no início eu fiquei muito mal. Achei que não fosse dar conta do recado. Ficava com muita pena dele. Se eu pudesse eu dava minha saúde pela dele. Eu preferia sofrer a ver ele sofrendo. Olhei várias vezes pela janela e pensei em me matar. Quando eu saí do hospital queria jogar ele na lata do lixo de tão nervosa que eu fiquei. Agora eu estou grudada com ele e não o largo por nada. E sou muito grata ao Projeto por ter me acolhido tão bem e ter me dado muita força para cuidar dele.

(nesse momento começa a chorar descontroladamente. Seu filho acorda e também chora. Aproximo-me de F. e peço permissão para segurar C. e digo que entendo que falar sobre essas coisas não é fácil e que é bom para ela poder chorar um pouco. F. me agradece e me dá C. no colo, que interrompe o choro um pouco depois. F. continua emocionada por quase dez minutos. Quando melhora, pergunto-lhe se gostaria de conversar um pouco, ao que responde negativamente. Encerro a entrevista pois percebi que F. estava muito mobilizada e desprotegida emocionalmente)

ENTREVISTA M3

Psicóloga: como foi a gravidez e nascimento de G.?

Mãe: assim que G. nasceu, ele já nasceu meio roxinho, com uma aparência cansada. Mas os médicos achavam que era por causa do parto que demorou um pouquinho. Além disso, G. passou da hora. Quando ele nasceu levaram ele para a incubadora para ele voltar a cor normal. Falaram que ele ia ficar lá mais ou menos 1 hora. Só que as horas passaram e eu fui até o berçário. Quando cheguei lá vi aquele alvoroço de médicos e enfermeiras e meu filho já estava intubado. A doutora me viu olhando, me chamou e explicou sobre o problema cardiológico dele. Mas disse que o hospital não tinha estrutura e nem um cardiologista infantil. Por isso eles estavam tentando um hospital que tivesse uma UTI Neonatal. Mas ela sempre deixou claro a gravidade do problema. Ainda bem que eles perceberam bem rápido. Começaram a procurar vagas e não achavam. Passei a noite toda observando ele e o trabalho dos médicos para ver se eles estavam tentando contato com outros hospitais. No dia seguinte a médica disse que não havia vagas e perguntou se eu poderia coloca-lo numa clínica. Eu disse que não, mas que ia falar com meu marido para ver se ele conseguia falar com os políticos de lá onde eu moro. Foi então que um vereador me encaminhou para o Projeto (*Pró-Criança Cardíaca*). O hospital não tinha nem ambulância para fazer a transferência. Esse vereador arrumou também uma ambulância-UTI. No percurso eu não sei o que aconteceu, mas sei que foi alguma coisa grave, pois as enfermeiras e a médica que estavam acompanhando ficaram nervosas e começaram a mexer aqui e ali. Achei que meu filho fosse morrer. Ele não foi direto para o Pró-Cardíaco (*Hospital*), ficou num outro hospital aqui perto. Mas os médicos de lá chamaram a gente e falaram que não estavam conseguindo descobrir o que G. tinha, mas sabiam que era grave. Nesse hospital eles deixaram a gente desesperados, por que parecia que mesmo que eles fizessem tudo, eles não iam poder salvar nosso filho. A médica disse que se a gente tivesse demorado mais um pouco, se tivesse ficado presa num engarrafamento, ele não ia chagar com vida, por que ele chegou muito mal. Mas que, como ele sobreviveu, ele ia ter que fazer uma cirurgia para poder sobreviver até 1 ano. Depois ele ia ter que fazer outra e provavelmente uma terceira. Mas ainda assim ela afirmava que ele corria risco de vida. Ela disse: “eu to falando

assim claramente com vocês por que se alguma coisa acontecer vocês podem querer responsabilizar o hospital, por que a gente ficou dando voltas e não falou o que ele tinha”. Eu jamais faria isso, mas a gente sabe que tem gente que faz.

Psicóloga: e como foi ouvir essas coisas todas e saber do risco que seu filho corria?

Mãe: foi terrível, mas eu sou uma pessoa difícil de chorar em público. As lágrimas escorriam, mas eu não sou aquela pessoa de ficar me descabelando. Eu choro mais por dentro do que por fora. Eu sou muito contida. Meu esposo também, ele só foi chorar depois que o G. fez a cirurgia. Nesse primeiro momento ele ficou forte para poder me dar força. Depois a médica disse para eu voltar para casa que já era uma hora da manhã e que qualquer coisa eles entrariam em contato. Mas que a cirurgia não seria feita ali. No dia seguinte ela ligou às 7:30 dizendo que seria feita a remoção para o Pró-Cardíaco e que a cirurgia seria no dia seguinte. Meu marido veio para o Pró sozinho pois eu estava com problemas no ponto (*da cesárea*), tava tendo hemorragia. Foi por causa desse susto que eu levei. A doutora disse para eu ficar em casa descansando um pouquinho. A gente também não tinha nem registrado o G. com a correria. A médica disse que o quadro era estável e que estavam aguardando a cirurgia. Ele foi operado a noite e no outro dia eles ligaram bem cedo dizendo que ele já tinha sido operado e estava na UTI. Mas quando fala em UTI, a gente se assusta, né? Parece que quem tá na UTI não vai mais sair de lá. É essa a impressão que se tem. Aí eu quis vir para o hospital, mas meu esposo disse que eu precisava me acalmar, pois eu estava muito nervosa. Meus outros filhos também choravam toda vez que eu saía, mesmo eles ficando com a minha irmã. Mas eu dizia: “não eu não quero me separar do meu filho não”. Eu imaginava que ele ia morrer e aí eu tentava me preparar. Eu queria ficar o máximo de tempo com ele e se eu pudesse estar na hora em que ele falecesse, eu queria estar. Aí ele tentou de todo o jeito me convencer de não ir, mas não teve jeito. Quando cheguei no hospital a doutora me preparou sobre os aparelhos da UTI. Quando eu entrei a primeira impressão que eu tive foi terrível. Mas eu não saía do lado dele. Como eu não podia dormir no hospital eu e o meu esposo vínhamos todo dia e ficávamos até a noite. Nesse tempo todo meu esposo ficou sem poder trabalhar, por que ele trabalha por conta própria. A gente ficou apertado. A

doutora até falou para a gente vir dia sim dia não. Por que quando a gente não viesse ele ia estar trabalhando. A gente fez isso. Mas eu consegui me manter firme, até com as crianças. Consegui conversar com eles, por que a minha filha de 6 anos passou pelo mesmo problema, não cardiológico, mas no intestino. O caso dela foi bastante sério também, ela teve que operar. Quando ela entrou para a cirurgia ela entrou mal, por que foi cirurgia de emergência. Ela nasceu prematura de 7 meses e isso complicou mais ainda o quadro dela. Fiquei um mês direto com ela no hospital. Em 30 dias eu voltei só duas vezes para casa. Foi muito difícil, emagreci muito, fiquei muito abatida. Mas acho que foi pior por que eu não estava preparada, nunca tinha passado por isso. Quando aconteceu com ela eu fui pega de surpresa. Agora, quando veio o problema de G. eu já estava vacinada. Consequia passar calma para as crianças, para as pessoas. Eu tenho uma mãe que se desespera por tudo. Ela achava que ele ia morrer e chorava muito. Ela mora em Itaguaí e ligava todo dia, várias vezes para saber da criança e de mim, por que eu sou a filha mais nova dela. E eu tinha que ficar tranquilizando ela, passando calma, esperança. No caso, deveria ser o contrário, né?. Ela como mãe. Ela nunca acreditou na recuperação da minha filha mais velha e nem do G.. Ela ficava preocupada com a minha reação caso ele viesse a falecer. Claro que toda mãe quer ter seu filho por perto, mesmo com todo problema. O G. precisa de cuidados 24 horas por dia. Ele dá trabalho assim, ele não fica com ninguém. Se eu vou ao médico, supermercado, eu tenho que dar um jeito de levá-lo. Ele não fica sozinho por muito tempo. Por exemplo, se eu tô ocupada fazendo alguma coisa ele não aceita que nenhuma outra pessoa pegue ele. Agora ele já faz pirraça, né? Ele dá trabalho por que ele requer muito de mim. É 24 horas. Já chegou vezes de ir no banheiro, tomar banho e ter que levá-lo comigo para ele ficar me olhando no carrinho. Até mesmo com o pai dele ele chora, ele não aceita muito, ele estranha. Só o fato dele estar perto de mim acalma ele. Quando ele passa mal, eu não consigo sair perto dele mesmo; pego ele no colo, nino e fico acordada as vezes a noite inteira. Quando ele chora muito ele fica ofegante. Isso deixa a gente muito cansada. Mas as pessoas elogiam muito a minha força. Os amigos da Igreja dizem que não agüentariam passar pelo que eu passei. Sabe, eu sou que nem a minha mãe; ela era assim e fez com que eu e a minha irmão ficássemos assim também. Antes de ter filhos com esses problemas eu ficava preocupada com qualquer coisinha. Quando meus filhos ficavam doentes ela me deixava desesperada.

Quando minha filha passou por isso, eu mudei, fiquei mais calma. As vezes eu tento me tranquilizar. Eu tenho esperanças, mas ao mesmo tempo eu fico me preparando...

Psicóloga: o que você espera dessa situação?

Mãe: no começo eu achava realmente que ele não tinha muitas chances e que eu ia ficar pouquíssimo tempo com ele. Mas agora eu tenho esperanças de ver meu filho crescer. A médica disse que se ele passar por essas cirurgias ele vai ter uma vida muito regrada, não vai poder fazer esforço. Mesmo que ele tenha que passar por tudo isso eu ainda prefiro abrir mão de muita coisa para ficar com ele, por exemplo do lazer. Fico imaginando ele crescendo, indo para a escola e eu correndo atrás dele para ele não se machucar, não se arranhar, não ficar cansado. É muito cansativo. Agora já está sendo. Imagino quando ele crescer. Acho que eu vou envelhecer bem mais rápido depois que ele completar um ano. Eu estou me preparando para uma vida bem tumultuada. Mas eu prefiro assim para ter ele comigo. Também tudo é vontade de Deus e não tem muito como fugir disso. Mesmo com toda a sabedoria da medicina, se Deus não quisesse ele não estaria vivo. Já to me preparando para esse futuro desgastante. Sou muito agradecida a Deus por tudo isso. Eu olhava para ele e ficava pensando que ele não ia desfrutar de nada em casa e isso doía muito. A doutora disse que ele teve uma recuperação espantosa, mas ela disse que se eu não cuidasse dele direitinho, se não tivesse aquela higiene, ele poderia voltar para a UTI. Prestei bastante atenção em como elas faziam no hospital. A doutora também falou que ele teve uma boa relação por que eu cuidei direitinho dele.

Psicóloga: como você sente a sua relação com G.?

Mãe: nossa relação é de muito, muito amor. Quando o G. começa a passar mal eu fico querendo estar no lugar dele, trocar de lugar com ele. Ele já sofreu muito. Quando ele começa a gemer e fico imaginando que ele vá voltar para o hospital, fico querendo sentir o que ele sente para ele não passar por isso. Há uma relação de muito carinho. Eu como mãe sinto que ele é muito, mas muito mesmo, agarrado a mim. Sinto que ele precisa muito de mim. Às vezes só de ficar do lado

dele ele se acalma. Não que a dor dele acabe, mas ele sente segurança, confiança. Ele vê em mim uma segurança grande. É como se eu pudesse tirar todas as doenças e sofrimentos. As vezes ele ta gemendo, eu pego ele no colo, nino, canto e ele fica tranquilo.

Agora, o que ta me deixando mais apreensiva com essa segunda cirurgia é que ele está mais velho. Na primeira ele ainda não me reconhecia, não era tão apegado. Agora ele já conhece. No caso, ele não fica sem mim. Isso ta me preocupando eu não vou poder estar com ele o tempo todo. Fico sofrendo antecipadamente. Fico imaginando ele chorando e chamando “mamãe, papai”. Só de imaginar eu fico estressada. Um outro sofrimento é chegar em casa sem o bebê e os filhos perguntando. Isso é outra coisa que mexe com a gente. Eu fico me policiando com os filhos. Não choro na frente deles e tenho que passar uma felicidade que eu não estou sentindo

Psicóloga: e como eles ficaram depois do nascimento de G.?

Mãe: eles não entendiam muita coisa, mas percebiam que eu e o pai deles estávamos nervosos. Eles choravam muito e ficaram muito agarrados com a gente. Mas a gente sempre conversava com eles, explicando a situação toda. Eles começaram a não dormir direito e nem comer, só quando eu ou meu marido estivéssemos com eles. Mas agora já está tudo bem e eles amam o G.

Psicóloga: como foi a gravidez de G.?

Mãe: não foi planejada, mas bem aceita. Na minha penúltima gravidez a médica disse para eu evitar engravidar por que eu tenho hipertensão. A gravidez de F. foi uma gravidez de risco, embora ele tenha nascido muito bem. Todas as gravidezes eram preocupantes. Os médicos achavam que o F. podia ter o mesmo problema da minha filha mais velha. Agora, por incrível que pareça a gravidez de G. foi tranquila. Todos os exames deram normal. Na ultra, o batimento cardíaco era normal. Por isso quando ele nasceu assim eu me assustei. O F. já era esperado de ter um problema, mas não teve. O G. teve uma gravidez calma, eu fiz repouso. Quando eu tive F., até tentei ligar as trompas, mas os médicos não aconselharam por que o parto foi normal, não foi cesárea. Eu queria ter ligado as trompas, mas

foi tudo normal, sem aumento da pressão. Depois eu fui conversar com a assistente social para ver se conseguia um encaminhamento para ligar as trompas. Ela me desaconselhou e indicou o planejamento familiar. A gestação dele foi até surpreendente. Com o F. eu ia fazer exames a cada 15 dias e os batimentos cardíacos eram monitorados. Com o G. não aconteceu nada disso Talvez se eles tivessem feito todos aqueles exames iriam descobrir antes o problema dele, mas também não sei se eles iam poder fazer alguma coisa diferente do que eles fizeram.

Psicóloga: o que você sabe sobre seu nascimento e o que você lembra da sua infância e do seu relacionamento com sua mãe?

Mãe: minha mãe conta que eu não poderia ter nascido por que no caso, ela tem o mesmo problema de hipertensão que eu tenho. Na primeira gravidez ela perdeu um bebê com 6 meses. Os médicos falaram que ela corria risco de vida. Aí ela engravidou e teve a minha irmã e depois eu. Ela só fala desse bebê que ela perdeu. Até os 7 anos eu tenho algumas lembranças boas. Meus pais se separaram quando eu tinha 8 anos. Eu lembro de muitas brigas e quando eles brigavam eu ia para a casa dos vizinhos. Foi muito sofrido. Depois, quando eles se separaram eu fui morar com meu pai. Eles reuniram as filhas e perguntaram com quem a gente queria ficar. Eu tinha uma ligação muito forte com o meu pai e fui morar com ele. Por um tempo a minha mãe ficou chateada, magoada. A minha irmã ficou com a minha mãe. Por isso a gente ficou distante. Por um tempo eu morei sozinha com ele e depois ele arrumou uma mulher. E a minha irmã nunca se separou da minha mãe. Inclusive agora ela é casada, mas mora perto da minha mãe. Eu moro distante e o nosso contato é mais telefônico. E minha irmã continua lá, coladinha; nunca se separou. Agora, depois que eu me casei – eu me casei com 17 anos – e tive filhos a nossa relação começou a melhorar. Eu não me dava bem com meu padrasto por que eu achava que meus pais tinham se separado por causa dele. Até os 16 anos eu tinha isso na minha mente e isso era alimentado pela família do meu pai. Eu achava que minha mãe não gostava de mim por que ela tinha me deixado ir embora com meu pai. Depois que eu me casei eu amadureci. Quando tive filhos comecei a ver como é a relação com filhos, marido e família. Só então eu pude desculpar a minha mãe. Mas foi muito difícil mesmo. Minha adolescência foi

muito triste; eu não tinha orientação nem de mãe e nem de pai. É que eu sempre fui muito ajuizada, muito mais do que a minha irmã. Meu pai cuidava de mim, mas era homem, né? Ele me dava roupa e comida. O restante eu não tinha. Eu também morei com uma tia minha que tinha 5 filhos e ela não me dava atenção. Então com 16 anos eu comecei a namorar e senti falta de ter uma mãe, de ter orientação. Até então eu não sentia vontade de me aproximar dela. Fui procura-la e ela me recebeu de braços abertos. Queria saber se as coisas que eu sabia dela eram verdadeiras. Então nós conversamos e vi que não era bem assim. Aí eu fui morar com ela. Casei e fiquei 4 anos com meu ex-marido, mas morando com ela. Me divorciei e fiquei um tempo com ela. Aí eu vim para o Rio e conheci meu esposo e estou com ele há 6 anos, tive meus filhos e o resto você já sabe.

ENTREVISTA M4

Psicóloga: como foi a gravidez e nascimento da Y.?

Mãe: ela nasceu de parto normal, mas tava marcada cesárea. O médico tava viajando. Ela nasceu 3 dias antes. Começou a sair um líquido meio esverdeado e o médico disse que eu teria que fazer uma cesárea de emergência. Mas quando eu tava subindo ela nasceu. Eles não deixaram eu ver o rosto dela e dois dias depois tivemos alta. Não sabia de nada e pra mim estava tudo bem. Só achei estranho que no papel que eles deram para registrar o apgar tava 7. E como eu tinha o livro “A vida do bebê” eu li que o apgar 7 indica bebê de risco. Mas eles não falaram nada. Ela voltou pra casa bem e foi tudo normal. Com 1 mês de vida ela teve uma febre intensa que nada curava e foi preciso recorrer a um médico. Quando ele tirou a roupinha dela e colocou o estetoscópio ele se assustou por que ele conhece meus outros filhos e eles não têm nada. Ele disse que era um sopro e até me deu para escutar. Mas ele recomendou que eu procurasse um cardiologista para investigar. Fui no Pedro Ernesto (*Hospital Universitário Pedro Ernesto / UERJ*) e fiz um eco (*ecocardiograma*) que constatou o problema dela, mas eles não a medicaram. Eu fiquei preocupada por que comecei a ver que ela ficava roxinha e não ganhava peso. Ela era muito pequenininha. Minha mãe descobriu o Projeto e a Dra. Rosa disse que tinha que medicá-la. Mas desde a consulta no pediatra, o exame e a vinda para o projeto, a vida lá em casa foi um estresse. O estresse era demais. Demorou 5 meses. Qualquer coisa lá em casa era motivo para eu gritar, discutir. Se meu filho quebrava um copo eu berrava.

A gravidez da Y. não foi planejada. Mas na época que eu tive os outros o pai deles tinha um emprego bom e isso me dava mais segurança, mais conforto. Um bebê em casa tem que ter um plano de saúde e dinheiro para as emergências. O pai dela perdeu o emprego há 5 anos (*funcionário público*), o que a gente achava que era seguro. Ele tinha 15 anos de estado. Aquilo para mim foi um choque. Dali pra frente eu ficava em pânico, apavorada só de pensar em ter mais um filho. Eu não queria, mas tirar eu também não podia (*por causa da religião*). Eu usava anticoncepcional, mas me sentia mal, me dava desconforto. Comecei a usar camisinha. Numa das vezes a gente esqueceu e ela veio. Tive ela e fiz a ligadura.

Psicóloga: e como foi a gravidez dela?

Mãe: a gravidez correu normal. Tive que me acostumar. O jeito era comprar tudo de novo. Meus filhos me deram muita força para eu ter o bebê. Quando eu já estava me acostumando com ela, veio o choque. Eu tinha escolhido o nome, comprado as coisas. E aí ela veio com esse problema. Nossa, o mundo caiu na minha cabeça.

Psicóloga: o que você sentiu quando soube do problema dela?

Mãe: da minha parte vieram os piores sentimentos. Eu me achava derrotada, derrotada e me culpava também. Eu pensava: “isso aconteceu por que eu falava que não queria ter essa criança”. Foi um castigo muito grande por 5, 6 meses. Eu perdi até o apetite sexual; não queria dormir com meu marido. Eu não deixava nem que ele me tocasse, me olhasse. Eu me culpava demais. Não queria levar meus filhos para a escola. Achava que as pessoas iam me olhar, me culpar. Eu já sou muito crítica comigo mesma, minha natureza é crítica. Eu fiquei mais crítica ainda. E eu achava que só o meu leite ia salvar a minha filha e eu não deixava ela desgrudar do meu peito. Ela chorava e eu já dava o peito. Por exemplo, se eu estava no banho e ouvia ela chorar eu saía do jeito que fosse para dar o peito.

Psicóloga: e como foi a amamentação dela?

Mãe: era como se eu tivesse colocando ela de volta no meu útero. Eu até deixava a barriga descoberta como um canguru. Não deixava ninguém tocar nela; ela era intocável. Ela era só minha, só minha e de mais ninguém. Ela estava numa redoma de vidro e só eu podia vê-la. Eu achava que aquilo estava acontecendo por que eu pensei em não ter aquela criança. Ninguém podia olhar para ela. Depois eu fui lendo vários livros sobre pais e filhos e fui vendo outros casos, como crianças que nascem com 5 meses, crianças com câncer, AIDS, etc. Aquilo foi me dando mais conforto. Não era tudo, mas foi me dando mais conforto. Eu fui esfriando a cabeça e vendo o que eu estava fazendo. Eu superprotegia a minha filha e não admitia que ninguém pegasse ela pra nada. Aliás até hoje eu me sacrifico muito por ela.

Eu acabei me esquecendo da família, dos outros filhos. Eles me perguntavam: “mãe, e a gente?”. Eles começaram a apresentar mudanças de comportamento. O rendimento escolar caiu e eles choravam muito na escola. Eu inventava mil desculpas para não ir à escola, para não sair de casa por causa da Y.. Inventava dor de cabeça, que eu tava com cólica. Isso por que a Y. era só minha e ninguém podia ficar com ela. Ela não podia ficar muito tempo na rua, não podia pegar muito sol, não podia pegar vento, não podia nada. Foi aí que eu me alertei também. Comecei a ler, a espairecer a cabeça, comecei a conversar mais com o pai deles, por que antes era só patada. Eu culpava ele também as coisas foram melhorando e aí eu comecei a procurar alguma coisa que distraísse a minha cabeça. Por que quando eu estava distraída, fazendo um bolo, eu ficava calma. Mas quando ela acordava, eu olhava para o rostinho dela e lembrava que ela tinha que tomar remédio, ia ser operada um dia e aquilo voltava como se fosse um turbilhão. Aí pronto. Aí eu comecei a montar bijuterias. Isso me deu um fresco total. Mesmo que ela esteja acordada, brincando, eu não me estresso mais. Agora ela ta uma criança norma. Ela brinca e come bem.

Psicóloga: e a família? Como eles estão agora?

Mãe: ainda bem que meus filhos e marido me apoiaram muito e entenderam o que eu estava passando com a Y.. Mas eu tive muito apoio também do meu pai e da minha mãe. Eles me deram muita força. Eles estavam e estão sempre de prontidão. Apoio da família, amigos, eu sempre tive. Fui eu que me achei incompetente e me isolei de todo o mundo.

Psicóloga: como você sente a relação com Y.?

Mãe: eu me descrevo como superprotetora. Eu falava que se eu pudesse botar ela de volta na minha barriga eu botaria.

Psicóloga: o que você imaginava que poderia acontecer se ela voltasse para a sua barriga?

Mãe: eu achava que se ela voltasse, eu iria tomar alguma coisa para ela não nascer assim. Aí eu comecei a ver que isso não acontece só com ela. Passei a conversar mais com o pai deles, com as crianças e deixei as coisas fluírem até melhorar.

Psicóloga: e como você vê as coisas agora? Quais são as suas expectativas?

Mãe: agora é como se eu tivesse apagado aquele pedaço lá, aquilo que aconteceu comigo. Agora é diferente. A relação com meu marido tá bem melhor. Hoje eu penso assim: que ela é normal, mas que tem um probleminha especial do coração. Antes eu me isolava para ela mamar, ela era só minha, não queria que ninguém visse. Quando a casa tava muito cheia, eu ia para o banheiro com ela. Eu ficava pelada e colada com ela por que queria colocar ela de volta no meu útero. Agora ela já fica com os irmãos, coloco ela na piscina, amamento ela na frente da família. Eu iria sufoca-la demais se continuasse com essa neurose. Os irmãos são super agarrados a ela. Eu é que mudei. Eu é que estava afastando todo mundo de mim e dela. Eu não me alimentava, meu cabelo começou a cair, depois eu comecei a engordar, tive alergias, coceiras, urticárias. Eu imaginava: “meu Deus, como é que eu vou andar com essa menina?”. Eu tinha medo, medo de não conseguir protege-la. O problema dela era o maior do mundo; não tinha problema com banco, supermercado. O pai falava: “olha as outras crianças pois eles estão com problemas na escola”. Eu dizia: “ah, esse problema é mole”. O problema do coração dela era o maior do mundo. Para mim esse problema deixou ela muito frágil. O coração é como uma caixinha de cristal. Agora eu to mais calma, tenho conversado com outras mães do projeto que falam sobre a cirurgia, UTI. Se eu ouvisse isso há um tempo atrás eu ia ter um troço. Hoje em dia a hora do remédio parece a hora do suco. Antes eu morria de medo e pena de dar os remédios. Isso mexia com a minha cabeça e eu ficava nervosa.

Psicóloga: o que você sabe ou lembra do seu nascimento e das primeiras relações com a família?

Mãe: eu fui a primeira filha e meus pais me superprotegiam. Antes de conhecer minha mãe, meu pai teve um acidente super sério na Aeronáutica. Por cauda disso, ele não enxerga com uma vista, não ouve direito, ele teve que refazer a

cabeça, fazer implante de cabelo, tem platina. Meu pai casou com 29 anos. Quando eu nasci ele correu para o berçário para saber se eu era normal, se eu tinha alguma cicatriz, se eu enxergava, ouvia direito. Meu pai achava que eu ia nascer com alguma seqüela. E eu era o maior bebê do berçário, gorda e grande. Meu pai não deixava ninguém tocar em mim. A mesma neurose que eu tenho com Y. ele teve comigo. Minha mãe fala muito disso. Tenho mais duas irmãs e dois irmãos mas ele só era assim comigo. Logo que eu nasci minha mãe pegou gravidez do meu outro irmão. Então ela não tinha tanto tempo como meu pai tinha para ficar comigo. Eu brincava, corria, tinha amigos. Foi tudo normal. Tenho boas lembranças da minha infância.





